

ENTREVISTA

"Temos que matar um leão por dia": Salve Boipeba

DOI <https://doi.org/10.9771/asf170822>

Benedito da Paixão Santos^I

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1473-9194>

Resumo

O presente trabalho integra-se no âmbito dos estudos realizados pelo Grupo de Investigação em Infraestruturas e Conflitos Socioterritoriais (GIICSO, Argentina). Foi inspirado no contexto da XV Reunião de Antropologia do MERCOSUR, realizada na Universidade Federal da Bahia (UFBA, Salvador) no mês de agosto de 2025, onde ouvimos sobre a ameaça que sofrem as comunidades tradicionais da Ilha de Boipeba. Procurando aprofundar os conhecimentos sobre a problemática, no dia 21 de agosto de 2025, na praia de Tassimirim, na Velha Boipeba, entrevistamos ao Benedito da Paixão Santos, conhecido como Bio, representante da Associação Quilombola. Na conversa que compartilhamos, Bio dá conta das possíveis implicações sócio territoriais e ambientais do projeto turístico-imobiliário "Ponta dos Castelhanos", da empresa Mangaba Cultivo de Coco Ltda., para o patrimônio material e imaterial do arquipélago. Além, da perspectiva das organizações nucleadas na coalizão Salve Boipeba, afirma-se a necessidade de desenvolver na região um turismo de base comunitária. Esta entrevista aborda esses dois eixos.

Palavras-Chave: Boipeba. Extrativismo turístico. Conflito socioambiental. Território.

Apresentação

Boipeba é uma ilha situada no litoral do Estado da Bahia, ao sul da cidade de Salvador. Faz parte do Arquipélago de Tinharé, área de preservação ambiental, e, juntamente com a Ilha de Cairu, compõe o município homônimo. O território integra aos povoados da Velha Boipeba, Moreré e Cova da Onça (São Sebastião). Em virtude de seu patrimônio natural, a região foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2025) como parte da Reserva da Biosfera e Patrimônio Mundial Natural, no âmbito do Corredor Central da Mata Atlântica.

Afirma-se por vezes que se trata da ilha "mais antiga do Brasil", em razão do processo de colonização conduzido pelos jesuítas. Nas últimas décadas, consolidou-se como destino turístico internacional, em função da beleza de suas águas, praias e manguezais; da tranquilidade de seu entorno e de seu patrimônio cultural.

Figura 1: Ilha de Boipeba



Fonte: Peppino (2025)

No âmbito da XV Reunião de Antropologia do MERCOSUL (RAM, 2025), Raimundo Siri, pescador artesanal, membro do Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Brasil (MPP), em nome da Coalizão "Salve Boipeba" expôs sobre a situação que sofrem as comunidades tradicionais

da Ilha perante o avanço do empreendimento “Ponta dos Castelhanos”. Com o interesse de aprofundar os conhecimentos sobre a problemática socioterritorial e ambiental desenvolvida, visitamos o território em conflito algumas semanas depois.

Sobre a praia de Tassimirim, na Velha Boipeba, a barraca Flor do Caribé, propõe um turismo de base comunitária. O local se distingue pela tranquilidade das águas e a simplicidade do estilo enfeitado com artesanatos nativos. Lá, fomos ao encontro de Benedito da Paixão Santos, liderança da Associação Quilombola de Boipeba e protagonista da presente entrevista.

Figura 2: Barraca Flor do Caribé, praia de Tassimirim, Boipeba



Fonte: Peppino (2025)

Bio nasceu e foi criado na ilha. “Eu sou de uma Boipeba onde minha mãe, quando me teve, a primeira coisa que eu fiz foi pisar na areia no chão [...] A marca dos meus pés tá em todos esses territórios”, ele disse. Sua história traz a memória de um povoado onde a gente ainda se iluminava a candeeiro, onde a eletricidade não era mais que uma promessa do progresso. Um território onde talvez não abundassem as opções, mas sim os peixes, mariscos e tudo o que oferecia o mar e a lavoura.

Bio é filho de mãe e pai que trabalhavam por teto e comida como escravizados nas fazendas, muito depois que a escravidão – supunha-se - tinha sido abolida no Brasil. Ele tem o olhar profundo, leva no seu corpo as marcas do trabalho forçado e no seu espírito a ancestralidade da sua cultura. Mas, sua fala não é só sua. É a fala de uma comunidade, expressão de uma luta coletiva. “As comunidades tradicionais -quilombolas, pescadoras, capoeiristas, mangabeiras, marisqueiras- acordamos sabendo que temos que matar um leão por dia”, afirma no começo da entrevista. Assim fala da luta pelo território, pelo mangue, pelo mar.

Mas, duas questões pairam sobre o destino da ilha, que podem ser assim formuladas: Qual é o leão que ameaça as comunidades? O que é que está acontecendo no paraíso da Boipeba?

Desde o ano 2014 o projeto “Ponta dos Castelhanos”, um empreendimento turístico-imobiliário de luxo, ameaça as comunidades tradicionais da ilha. A proposta da empresa Mangaba Cultivo de Coco Ltda.¹ inclui a construção de Hotel Resort, campo de Golfe, docas para mais de cem embarcações... até um aeroporto! entre outros imóveis no Ponta dos Castelhanos, perto do povoado da Cova da Onça. Se conseguir consolidar-se, o projeto vai privatizar 20% da ilha numa área preservada de Mata Atlântica, Cerrado, manguezal e recifes de coral: um território de uso comum das comunidades tradicionais de raízes afro-brasileiras, afro-indígenas e camponesas que representa um patrimônio não quantificável.

¹ Constitui uma sociedade que conta com a participação de José Roberto Marinho, um dos vice-presidentes do Grupo Globo, além de outros empresários como Armínio Fraga.

Figura 3: Projeto Ponta dos Castelhanos

Fonte: Mongabay Brasil (2023) - <https://www.youtube.com/watch?v=QAkIMRn0HJo>

No início, o projeto não conseguiu avançar por conta da luta das comunidades locais, mas voltou a arremeter em 2023 com os pedidos de licenciamento ambiental ao governo do Estado da Bahia. Na Audiência Pública realizada no dia 18 de abril de 2023 na Assembleia Legislativa da Bahia, as comunidades foram quem alçaram a voz.

Profissionais e especialistas alertam sobre os impactos que pudessem vir a ter sobre patrimônio material e imaterial da ilha. A empreitada já apresentou efeitos por conta dos aumentos na especulação com terras, colocando em risco a sobrevivência de comunidades que dependem da geografia local. Em abril de 2023 a Secretaria de Patrimônio da União do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (SPU/MGI) deu um despacho que suspendeu cautelarmente, por 90 dias, os efeitos da transferência de titularidade da área (que é originalmente da União) à empresa Mangaba Cultivo de Coco Ltda. e as obras de construção do Resort, por causa dos possíveis impactos do empreendimento para a comunidade local (Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos, 2023).

Na seguinte entrevista, Benedito da Paixão Santos, representando os quilombolas, compartilha a perspectiva dos povos tradicionais sobre o conflito que ameaça sua sobrevivência. Fala da cosmovisão das comunidades que se

percebem como parte desse território ameaçado por conta de um turismo de poucos e para poucos. Perante isso, propõe o desenvolvimento de um turismo que inclua em seu planejamento os donos da terra, as famílias que preexistem no lugar.

Entrevista

Bom dia. Eu ficava pensando que poderíamos começar falando sobre como foi que começou o conflito.

Bio: Na verdade, assim, o conflito começou desde 2014, onde a Globo -a Globo é uma empresa muito forte, muito grande aqui no Brasil, é do Rio, entre Rio e São Paulo e são os grandes empreendedores - queria fazer um Resort lá, em Castelhanos. No início foi só a Globo. E aí as comunidades, poucas pessoas naquela época, se levantou contra. Até o povoado de lá, da Cova da Onça mesmo, era contra esse resort. Só que eu não estava na luta nessa época, eu não estava, eu não fazia parte dessa luta. [...] Foi esse ano, 2014. Mais, recentemente, agora, fez dois anos que aí surgiu também esse boato que a Globo ia continuar a fazer o Resort. Aí onde foi barrado antes. Aí depois eles tentaram fazer uma novela aqui dentro de Boipeba. Aí também as comunidades foram contra e não aceitaram. É o seguinte: teve uma pessoa, teve uma amiga que ela falou assim: "Bio, a Globo vem fazer um Resort novamente. O IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) vai dar um licenciamento, deu o licenciamento para Globo fazer um resort". Só que agora a Globo não veio sozinha, ela pegou parceiros. Que nem o ex-presidente do Banco Central, conhecido como Armínio Fraga, aí fizeram essa parceria e com outros.

Com esse novo empreendimento que vinha conhecido como Mangaba Cultivo de Coco. O que era que eles iam cultivar? O que é que eles queriam derrubar? Eram mangabas, eram os coqueiros, era a vegetação, eles queriam tirar. E veio com essa ideia de Mangaba Cultivo de Coco, cultivar o quê? O que cultivamos a gente. O que mantém o que já tem. E aí foram muitas ameaças em relação a isso também. A gente começou a sentir muitas ameaças aqui no nosso território, pelo poder público, junto com outros empreendedores que queriam tirar a gente do nosso

território, assim, dos nossos direitos. E muitas vezes eu fui aqui surpreendido por homens armados, pela polícia, ou pelo poder público, intimidando a gente pra a gente sair da praia. Porque a gente não tinha direito de ficar na praia, a gente não poderia ficar na praia. E foi uma luta muito tensa, muito árdua, que era todos os dias. Todos os dias a gente já acordava pensando: Será que vai ter como a gente ir para a praia para trabalhar? Porque era todos os dias uma ameaça. Presença da gente estar com o turismo aqui nas mesas sentado, almoçando, e eles chegavam com uma força bruta mesmo assim, com violência para tirar as pessoas, para a gente não ficar.

E com isso eu comecei a correr atrás do tipo pessoas que eram as mesmas pessoas que estavam me perseguindo, né? Que era o poder público. Então eu não tinha uma ideia a quem ia correr, quem vai me ajudar? Então eu só conhecia só o poder público, era esse poder público mesmo que estava reprimindo. Isso, que estava reprimindo, tirando o nosso direito para botar na mão dos grandes empreendedores. É um italiano que tem aqui, né? Não que ele tem aqui não, ele mora na Itália, mas tá duas vezes por ano aqui.

Esse italiano é o dono da grande parte da ilha?

Bio: Isso, isso. Uma violação de terra. Porque aqui é a terra da União. Aqui ninguém tem documento dessas terras. Tá? É terra comunitária. Então, isso aqui que tem os verdadeiros donos somos nós. Mas, no nosso país - a gente sempre fala - "manda quem pode e obedece quem tem juízo". Então, no nosso país manda quem tem dinheiro. Só que a gente, eu fui conhecer, até mesmo assim, a minha força que eu tinha. A minha força estava escondida. Então, foi uma força que foi tirado de um direito que foi tirado dos meus pais, dos meus avós, dos meus tataravôs, e está respingando em mim até hoje. Então, aí foi comecei a conhecer órgãos, assim como direitos humanos. Já conheci os Direitos Humanos, uma mulher negra, guerreira. Ela era presidente do Direitos Humanos e ela veio até mim, perguntou o que era que estava acontecendo, porque eu comecei a criar vídeos e colocar de ameaças. O que estão querendo fazer com a gente. E até mesmo esses vídeos começou a chegar a esse povo, e esse povo começou a me procurar. E aí a gente marcou reuniões e eu dizendo o que eu queria, aí a gente foi através desse dos Direitos

Humanos, eu convoquei uma audiência aqui dentro de Boipeba. Com todos os órgãos e a gente foi atendido por esses órgãos, mas só que a gente foi só atendido, mas, até hoje, o órgão que se chama SPU (Secretaria de Patrimônio da União, do Ministério da Gestão), que trabalha porque é ela quem é a responsável pelo território, e ela prometeu que ia dar devolutiva para gente. A gente pediu demarcação de território e estão se esquivando até hoje. Prometeu, já tem mais de dois anos, prometeu o que vinha, vieram para aqui para Boipeba, para olhar esse conflito. A gente foi atendido por eles, mas não deu resposta até hoje. Já tem mais de dois anos.

E, o que aconteceu com a SPU após 2023?

Bio: Aí foram embora. Eu sempre estou fazendo uma cobrança à SPU. E ela sempre me prometendo, como foi agora esse junho de 2025, esse ano, ela prometeu que ia lançar a publicação do pedido daqui, do nosso território. E ela sempre me falou ou no início de junho ou no meio, e até hoje nada.

Mas, nessa segunda tentativa que eles tiveram, também não conseguiram fazer o Resort?

Bio: Não, é isso. Então, a única garantia que a gente teve foi, não da SPU, foi do procurador do Ministério Público Federal. Que ele também teve uma defensoria pública, da Bahia. Então se juntou e fez essa cobrança, essa reivindicação à SPU. Então a SPU se comprometeu a não dar licenciamento para esse Resort, a não ser depois que fizesse a demarcação dos territórios. Aí ia ver o que poderia, o que poderia sobrar para eles e o que eles poderiam construir.

E, que eles tinham pensado fazer lá, na Ponta de Castelhanos?

Bio: Então, eu posso falar isso porque eu tive até mesmo muitas reuniões em Salvador com lideranças de outras comunidades, com o representante deles. E, nossa! O que eles iam fazer, eles iam acabar com a ilha. Eles iam fazer um píer para em torno de 150 barcos, com garagem para guardar. Iam fazer um aeroporto, iam fazer um campo de Golfe com não sei quantos mil metros quadrados. Então, eles começaram a mentir, porque aí eles foram e disseram... na época da Pandemia, eles começaram

a visitar o povoado de Cova da Onça e começou a "comprar" as pessoas com alimentação da cesta básica. Então a comunidade ficou dividida entre eles e a outra parte da comunidade. Então foi muito triste, eles disseram que ia fazer uma pousada com 25 quartos. A gente já sabia que era uma pousada com 25 quartos, e ia fazer outros apartamentos individuais. Mas só que na verdade eles não iam fazer Resort. Esse plano de Resort era mentira, porque eles iam fazer apartamento de luxo, condomínio de luxo para vender. Entendeu? Então a gente toma aí nessa pegada até hoje.

É a força contra o poder aquisitivo. Então, é muito triste. Eu vou ficar lembrando disso quando a gente tem um município riquíssimo - e o nosso município é rico - ainda se ajuntar com uma bandidagem dessa para grilar terra, tirar as terras da mão de quem são os verdadeiros donos para dar para essas pessoas. É muito complicado o que eu tô falando. Eu já pensei até em desistir porque a gente nunca tem resposta, mas um conselho que eu dou para todas comunidades, para todo povo, para quem passa por esse conflito, é não desistir, porque a gente sabe que a luta é árdua. E eles querem nos ganhar por cansaço, eles querem ganhar a gente num cansaço, porque eles sabem que o direito somos nós.

Então, hoje é muito bom a gente ter acesso aos órgãos, a outras pessoas, onde vamos reivindicar o nosso direito, porque esse direito não foi apresentado hoje. É um direito que já vem há milhões de anos atrás. É a ancestralidade. Então, o que me faz eu hoje não desistir é porque quando eu olho para trás vejo os direitos que eles tiraram dos meus pais, da minha mãe, do pai dos meus pais, dos amigos dos meus pais. Então, esses direitos hoje, a gente teve esse acesso a saber o que é o direito. Porque antigamente, os meus pais, os pais dos meus pais, os amigos dos meus pais, não tinham direito em dizer assim: a falar por ele mesmo. Porque outras pessoas representavam deles, outras pessoas falavam por eles. Então, só que a gente já teve um grande avanço. A gente já teve um grande avanço, foi hoje a gente falar por nós mesmos. Não tem ninguém para representar a gente, a não ser a gente mesmo dizer quem a gente é.

Isso é bem importante, porque no território mesmo é a gente que tem que se defender.

Bio: Então, o que eu sempre falo é isso. A gente temos que dar as mãos, porque a gente não temos até mesmo assim dinheiro, né, para combater igual com eles, mas a gente temos que ter estratégia, a gente temos que se unir. Seja de longe ou de perto. Então, hoje a gente criou uma rede que chama uma a Rede Quilombola, de pescadores, quilombolas, ribeirinhos, a gente criou essa rede.

Que o que aconteceu tipo, em Salvador, vai acontecer aqui. Então, é o mesmo, é a mesma luta, é a mesma dor, são as mesmas falas, são os mesmos conflitos, nada diferente. Então, a única coisa que eu sempre digo às pessoas é que a gente a única coisa que tem que fazer é se unir, dar as mãos. É dar assim as mãos porque esse é o poder que nós temos, é a união. Se a gente não tiver união, pode ter certeza que a gente vamos nadar, nadar e morrer na praia. Essa é minha fala que eu sempre estou falando para a galera e através da luta. Eu, sinceramente, hoje eu sou um cara influenciado, até mesmo assim, por outras pessoas em querer vir me comprar. Entendeu? Os órgãos, principalmente os órgãos, os grandes empresários. Muitos deles chegam aqui achando que é bom. "É bom, vai ser bom", bom para quem? É para você só. Então, o que eu sempre falo, é que os órgãos eles têm que cumprir o papel deles. Mas não tem esse direito de chegar nas comunidades tradicionais para tentar influenciar as comunidades ficar a favor deles para eles liberarem esses grandes empreendimentos, para esses empreendedores. É muito triste, é muito triste, é muito difícil quando a gente vê assim, cada dia mais o povo sendo a ganância tomando conta do coração, e o cara "cada vez eu quero mais, eu quero mais, eu quero mais". É muito difícil.

Entendo, e acho que eles sabem que o investimento que colocarem aqui vai dar dinheiro.

Bio: É. Porque assim, a gente sabe que o tamanho que o nosso país tem, nosso país é um país muito grande, muito rico, e Boipeba é uma das ilhas que ainda não foi, até mesmo assim, destruída. Porque tá todo mundo com essa visão. Porque se você olhar, for para o Trancoso, já aconteceu; se você for para Morro de São Paulo, já aconteceu; se você for para Arraial d'Ajuda, já acontece; se você for para Barra Grande, já aconteceu. Então, Boipeba é a "bola da vez". Então, tá todo mundo de olho. Por que não Boipeba? O que é que tem Boipeba que a gente não consegue avançar que

a gente não consegue destruir? Então, em Boipeba a única coisa que tem é uma liderança que pensa no futuro das crianças, que pensa no futuro das pessoas. Aí, então, Boipeba é uma ilha que ainda tem a cultura, entendeu? Então a cultura ainda não foi engolida pelos grandes empreendedores. Então é por isso que a gente luta para Boipeba continuar sendo esse Boipeba que é desejado por todos, e que muitos sonham em vir em Boipeba e não tem a oportunidade.

É como você acha que poderia ser desenvolvido o turismo na Ilha?

Eu trabalho com turismo, mas eu hoje eu sempre postei. Eu sou pescador, trabalho com agricultura, e de tudo eu aprendi a fazer um pouco. Trabalho com artesanato, artesanato local, eu trabalhei, saí daqui, fui trabalhar em São Paulo, depois trabalhei em Salvador, e depois, quando o turismo do Morro começou a vir para Boipeba, trabalhei em torno de uns cinco anos com duas agências do Morro recebendo turismo aqui. Mas, eu sempre fui daqueles caras que sempre luta e se importa pelo turismo de base comunitário, um turismo que é educado. Mas só que Boipeba já recebe, já faz esse turismo, só que precisa ser educado. Só precisa ser educado o turismo que Boipeba recebe.

Como é que se organiza esse turismo de base comunitário?

Bio: Olha, na verdade, se você for olhar, todas as barracas que tem na praia são de componente da Associação Quilombola. Só que, o que é que acontece? Tem essa organização, ó, quem tá na praia são os nativos, são quilombolas, mas só que não tem a organização de donos de pousada, de donos de agência para vender esse turismo de base comunitário. Não tem essa ligação. Porque existe o preconceito. Então, o que é novo, o que é novo é sempre é assim, a galera fica, "quilombola, o que é isso?". É porque tudo que é novo as pessoas ficam assim, com aquele receio. Mas existe esse preconceito. Porque você vê que em Boipeba hoje tem grandes restaurantes, não sou contra os grandes restaurantes, não sou contra. Agora, o que eu quero dizer é assim: o turismo de base comunitária, esse turismo que eu sonho, esse turismo que eu apoio posto, é um turismo que não venha só pingar em mim, que venha ser para todos, que seja para quem tem na praia, seja para quem tem na vila, entendeu? Porque tem que respingar. Porque eu acho que numa comunidade quilombola, quando você abre um quilo de feijão tem que dar para todos. Se não dá

para todos, então deixa ele fechado. Entendeu? Então, eu acho, assim, que esse turismo que está em Boipeba não é um turismo bom. É um turismo só para poucos.

Porque se você for olhar, tem um grande restaurante aqui que praticamente pega todo esse turismo. Por que pega esse turismo? Porque hoje, esses grandes restaurantes pagam aos donos de agência, paga aos pilotos de lancha só para levar para ele. Aí paga em torno de 200 a 120 a 150 reais por barco, só para não respingar em outras pessoas. Então isso aí não é um turismo bom. Isso aí é um turismo que, sinceramente, eu nem faço questão de trabalhar com turismo desse. Porque aí são o rico cada vez ficando rico e o pobre cada vez ficando pobre. É muito complicado, mas eu sonho com esse turismo de base comunitário. Porque um turismo de base comunitário é um turismo consciente, é um turismo que quer sentir, que quer sentar, quer conversar, que tem a ver com o respeito.

A parte mais importante disso tudo é o poder público. Mas, só que quando você tem o poder público, se você tem essa ideia, você leva o poder público. Você leva para as pessoas para trabalhar em parceria. É muito bom que aí você vai ter o poder público te apoiando. Mas a pior coisa quando você leva umas ideias para um poder público e o poder público não fica pensando nessa ideia e que, ah, não era para que mais árvores no lugar? Ah, para que mais mata no lugar? Destrói, faz prédio. Então, Boipeba... eu me lembro muito bem que Boipeba aqui não tinha pousada. Quando a gente recebia o turismo do Morro, a gente levava o turismo para comer na casa dos pescadores. Então, as pessoas criavam cavalo só para fazer passeio de cavalo e trilha. Os passeios eram de barco de madeira. Só que aí mudou. Aí, esqueceram.

E, faz quanto tempo dessa mudança?

Bio: Foi uma coisa assim de uma noite para o dia. Por que como é que a ilha virou famosa? É porque aí as pessoas achavam: "Ah, tem que ser mais rápido, o passeio tem que ser mais rápido". Por que mais rápido? Porque eu acho assim, que o turismo que viaja, o turismo que gosta de conhecer, ele não tem pressa. Principalmente quando diz assim: "Eu vou para Bahia". Eu me cansava de fazer passeio a cavalo, eu cansava de fazer trilhas, passeio de canoa. É bem lindo. É bem lindo, porque você tem que levar as pessoas para conhecer a sua vivência com a ilha. E hoje não, aí

saiu o cavalo, botaram o quadriciclo. Saíram os barcos, botaram lancha. Então, eu acho que o turismo também, ele tem essa culpa. O turista, ele tem essa culpa.

O turismo hoje, a humanidade hoje, ficou louco, ficou doido. Eu sempre falo que a humanidade hoje ficou doida, que eles nem sabem quem são eles. Eles nem sabem o que eu tô fazendo em Boipeba. Eu nem sei por que eu tô trabalhando e nem sei por que eu vou a Boipeba. Ah, mas eu vou a Boipeba porque eu vejo postagem, que é lindo, que é isso, que é tudo. Então, eles são tão malucos que vê eles chegam em Boipeba, que eles dizem que conhecem Boipeba. Eles não conhecem Boipeba. Eles para conhecer Boipeba têm que sentar com um nativo, para conhecer o nativo, conversar com o nativo. E aí eles vão conhecer Boipeba. Porque o nativo vai falar um pouco de Boipeba para eles. Vai falar quem é. Então, esse turismo que tá hoje em Boipeba é um turismo assim, que eu sempre falo, que é um turismo de sol e praia. É um turismo assim que só quer vir para alugar para fama, fama, tirar foto. "Qual o lugar famoso? Eu quero ir para tirar foto"... Então, é muito estranho isso. É muito complicado. Esse tipo de turista é um turista que, sinceramente, eu fico assim olhando, eu não sei o que é que esses turistas estão fazendo em Boipeba. Sinceramente, não sei o que é que tá fazendo.

Se passar 100 turistas aqui nesta praia, de 100 um te dá bom dia. Então, isso não é um turismo bom. Isso não é um turismo bom. Porque eu se eu chego em um lugar que não é meu, um lugar que eu quero visitar, eu chego, quero conhecer as pessoas, quero dar bom dia, não sei o quê.

Então as pessoas vêm no ritmo da cidade grande. De ninguém ser de ninguém, sem passar, sem dar um bom dia. Então eu acho que Boipeba tá perdendo muito com esse turismo que tá recebendo.

Entendo.

Bio: Graças a Deus, Boipeba hoje tem um público que mora em Boipeba, as pessoas de fora que moram em Boipeba, que tomam dor de Boipeba igual a gente. São poucos os que são contra. Essas pessoas que são contra a gente, que moram em Boipeba, são empreendedores, mas não tô nem aí para eles. Então, eu sempre a minha luta é pela minha comunidade. A minha luta é por meu direito. A luta é pelas crianças, ver essas crianças assim, correndo na praia e tendo esse espaço. Então, a minha luta é por

causa disso. Porque se eu olhasse para o meu próprio umbigo, se eu só olhasse para mim, para onde eu vou carrego ele. Não estava nem aí para nada. Mas eu tenho um legado muito grande aqui nessa ilha de Boipeba, eu tenho um compromisso muito grande com essa ilha, porque eu venho de uma família que minha família sempre foi simples, mas foi uma família muito rica, rica de espírito, rica de corações bom. Minha mãe era uma parteira aqui nessa ilha. Então, esse turismo minha mãe chegou a conhecer, porque a maioria dessas do turismo que visitava Boipeba se hospedava em Boipeba. Queria conhecer ela, queria ir lá porque minha mãe era benzedeira, entendeu? Para ervas medicinais. Minha mãe curava muita gente aqui, ajudava a curar muita gente. Então, parte dessa comunidade de Boipeba passou pela mão dela. Parte dessa comunidade de Boipeba passou pela mão dela. Então, o meu maior prazer hoje, o meu maior prazer hoje, é descobrir quem eu sou. Quem eu sou, o meu direito é acima desse direito que eu estou buscando. Não quero nada de ninguém. Eu só quero aquilo que foi tirado do nosso.

Que as crianças tenham os mesmos direitos que você teve quando foi criança, né?

Bio: Tem, sim. Então, eu comecei, eu agora eu tive um prazer, porque eu fui escravizado junto com meus pais desde pequeno, onde meus pais trabalhavam só por direito de moradia e comida. Eu nunca tive acesso, essa liberdade de ir à escola, estudei até a terceira série, mas isso para mim não faz falta, não me faz. Porque a escola não educa ninguém, a escola só vai emitir sinais escrita para o que você quer ser na frente. É uma formação, mas então respeito, é a vivência que os meus pais me deram. Porque meu pai e minha mãe foram os meus professores e a escola e a universidade para mim foi o mundo. Então, é, através disso hoje, das minhas falas, eu hoje eu sou um cara procurado para dar palestra nas universidades. Eu sou um cara fui procurado por uma revista no Brasil, assim, fiz uma matéria com uma televisão da França que vieram aqui me conhecer. E fiz também um documentário com outras pessoas também, que se chama "O Cochicho da Resistência". E tô aí, "matando o leão por dia". E o último direito da comunidade que foi tirado, até mesmo assim, alguns empreendimentos que foram feitos aqui para a comunidade, que outras pessoas, a gente começou a resgatar da

mão de terceiros já, trazendo a Associação Quilombola. E a gente toma aí nessa luta, nessa batalha junto com os amigos.

Eu só tenho muito a agradecer. Os amigos que têm nos acolhido, que têm nos recebido, que têm vindo até a gente, porque não só eu, não é Bio, é a comunidade de Boipeba. Eu não falo por mim, eu falo pela comunidade de Boipeba mesmo. É uma coisa coletiva. Então, essa fala que tá falando hoje aqui não é Bio, é uma fala de uma associação que é a Associação Quilombola de Boipeba. Mas a gente toma aqui, sempre a ajuda nunca é demais.

Sou eu que agradeço. Tomara que a gente consiga contribuir com essa divulgação do turismo comunitário, seria bom.

Bio: É. A visão da ilha que eu tenho, do turismo da ilha, é esse turismo de base comunitário. Acho que isso é importante. Porque não precisa outra coisa. Eu sempre falo que quando você tá em busca de uma pedra especial, você só quer olhar para ela só para ficar admirando. Você não quer fazer nem outra coisa, só quer colocar ela ali só para ficar admirando-a. Então, é Boipeba. Boipeba é um diamante. Eu sempre falo que Boipeba é um diamante. Não precisa ser lapidada em nada. Só precisam as pessoas vir, olhar, cuidar e deixar ela no lugar que ela é. É o verdadeiro diamante.

Com certeza. Eu acho muito complexo como cada pessoa tem uma visão diferente de um mesmo "lugar". O que você acha que é o território? Qual é a sua visão desta terra?

Bio: Rapaz, eu sempre eu falo que é um conjunto. O mar, porque não adianta assim: "Poxa, vão atingir a terra, pô, se vão atingir a terra, se vão destruir a terra, vão destruir o mar". Vão destruir tudo. Então, é um conjunto. É o que eu tô falando: "é uma luta é uma luta só. O território não é só a terra, o território é terra e mar". É terra e mar. Porque se tirarem o nosso direito da terra, vão me tirar o direito de eu ir ao mar. Eu sou pescador, entendeu? Então a gente não tem que ter só esse olhar é, para a terra, a gente tem que ter esse olhar infinito.

Eu sempre falo para as pessoas que eu não sou contra o turismo. Nunca fui contra. Não, mas trabalhava com turismo também. Nunca fui contra o turismo, nunca fui contra as pessoas que vem para morar dentro de

Boipeba, nunca. Mas, a minha mãe sempre me dizia: "Quando eu ia para casa de alguém, eu não abria a geladeira se o dono não permitia". Então, eu acho que eu, quando eu chegar no território de uma pessoa, em primeiro lugar, tô com licença e perguntar: "Posso entrar?" Então, é essa a diferença. Quando eu levo isso para as pessoas, as pessoas acham que eu sou contra, mas eu não sou contra. Eu só tô dizendo: respeita. Estamos aqui antes que você. Eu nasci aqui. Eu morei em Boipeba, eu moro em Boipeba até hoje. Eu vim de uma Boipeba, onde a gente era chamado de "beradeiro". Quando a gente chegava na cidade, a gente era assim conhecido como beradeiro, é "aquele que tá fora de tudo". "Você é beradeiro, tá fora". Então hoje a gente é reconhecido já porque tá num auge. Eu estou do momento que Boipeba tinha muita fatura, mas não tinha opção. Você tinha tudo, mas não tinha opção. Que opção era essa? Você não pegava dinheiro. Você ia para pesca, nossa! você pegava peixe, marisco ao horror. Mas eu vou vender a quem? Não tinha como, não tinha nada, não tinha energia elétrica, não tinha nada. Quando pegava peixe demais, escamava, salgava, metia sal para botar no sol para secar, para depois vender. Barco saía daqui de Boipeba a pano, a vela, que não tinha motor para ir para Salvador. Eram dos dias e meio de viagem. As pessoas iam para Valença na canoa remando, no remo. Não tinha nada. Então eu sou dessa Boipeba. Eu sou de um Boipeba que a gente só se iluminava com luz de candeieiro ou vela. Eu sou de um Boipeba, onde minha mãe quando me teve a primeira coisa que eu fiz foi pisar na areia no chão. Coberta por palha. Então, eu hoje eu sempre eu falo: "Por amor de Deus, eu passei tudo, tudo isso, frio, dor e hoje só porque o sol saiu para Boipeba eu não posso fazer parte dessa sombra? Então é muito complicado".

Eu só peço que respeitem meu direito, um direito que não foi eu que pedi, foi um direito que colocaram lá, em 1883, que os povos tradicionais, quilombola, ribeirinho, pescadores e marisqueiras tinham direito ao 13% do território brasileiro. Aí foi. E aí pergunto, vamos supor que o Brasil tenha 100%, tira 13%, e vai ficar quanto? E esse 13% eles ainda querem tirar dividido para cinco? Cinco nações? Por amor de Deus, gente. Não tem sentido. Aqui na ilha de Boipeba tem quatro povoados, onde tem três povoados reconhecidos pela Fundação Palmares: certificado que é Boipeba, Moreré, Monte Alegre. Esses são os três povoados registrados

como quilombola. Aí entra também o povoado da Cova da Onça reconhecido como povoado permanente, pescadores e pescadores artesanais. Eles lá são pescadores, não foi reconhecido como um quilombola, foi reconhecido como pescadores. Porque o povoado de Cova da Onça é um povoado diferente de Boipeba. Porque lá são todas pessoas descendentes da Europa. Tudo é descendente da Europa. Quando você vai lá, "você é descendente de quem? Italiano? Você?"... "sou descendente de holandês". Porque em 1517 teve o naufrágio de um barco grego frente ao povoado de Cova. Então as pessoas se refugiaram para aquele lugar, moraram lá por muito tempo e deixaram herança. Era tanto que no início eles tinham preconceito com as outras comunidades. Até hoje eles têm preconceito. Eles acham que o povoado de Cova não tem nada a ver com a Boipeba. Quando a gente falou sobre esse Resort, eles foram todos contra e eles disseram que a gente não tinha nada a falar. Eu digo: "Olha, eu só vou falar". Eu falei para um na reunião para eles, eu disse: "Eu só vou falar uma coisa, eu não estou falando de Cova. Eu estou falando de Boipeba. Eu estou falando de Boipeba". Sabe por quê? Porque eu não estou vendo uma ponte que divide Cova e Boipeba. Eu estou falando de um território que se chama Boipeba. Porque quando o seu direito termina, começa o direito de Monte Alegre, e quando o direito de Monte Alegre termina, começa o do Moreré, e quando Moreré acaba, começa o de Boipeba. E tem não tem divisão. Eu disse: "A marca dos meus pés tá em todos esses territórios". Todos esses territórios. Conheço o Boipeba mais do que eu conheço minha vida. Se você me perguntar cada canto de Boipeba, eu te digo. Eu conheço essa a ilha de Boipeba, porque desde criança eu andava com isso tudo. Então, para eu falar de Boipeba, eu preciso conhecer Boipeba. Como foi que você conhece Boipeba? Como é que você conta a história de Boipeba? Como é que você tá tentando escrever um livro de Boipeba? Porque eu comecei a pesquisar, procurar na internet, mas, os mais velhos, as pessoas que viviam no Boipeba, essas pessoas é que sabem falar de Boipeba, não é a internet. Não é o YouTube. O YouTube hoje você quer saber de Boipeba, você pesquisa no YouTube, ele já vai te dar uma coisa pronta. Então, a vivência do Boipeba é totalmente diferente. As pessoas que viam, pessoas que pegavam, as pessoas que sentiam, pessoas que andavam, entendeu? Então, é totalmente diferente. Então, eu fui atrás dessas todas

as histórias, as pessoas mais velhas. Para saber das histórias, quem foram as primeiras pessoas, como vivia, como foi, como era que as coisas iam chegando, como era transportado, como era a luta... era uma luta árdua, sempre foi árdua, sempre foi tirado os direitos das pessoas de quem não tinha. Então, hoje quando eu vejo as pessoas falar de Boipeba, eu digo: "Ah, deixa eu falar". Que a tem boca fala o que quer.

Eu achei bem linda esta fala porque você dá uma ideia da Ilha que eu não teria ouvido como turista e pesquisadora.

Bio: [...] isso é o que hoje eu estou vivendo, eu estou sentindo. É, que é isso. Porque é o certo, o certo é isso. Eu sempre convidei todos órgãos que vieram a trabalho para viver a nossa vivência, nosso dia a dia. Porque você vinha a trabalho é uma coisa, mas o viver o dia a dia para saber o que que a gente sofre, o que a gente passa para trazer um peixe para dentro de casa, uma mata aí, mas não só olha chega lá e pega.

Aí veio uma antropóloga aqui em Boipeba. Ela veio mapear Boipeba, nas histórias, eu tive o prazer de acompanhar ela, mostrar. E, a história que começou no Moreré, foi uma história que quando acabou, a mesma história que começou em Moreré, a gente partiu para o segundo povoado, que foi Monte Alegre, a mesma história. Quando partiu para Boipeba, a mesma história. Aí a moça mesmo falou que foi uma das histórias, um dos mapeamentos mais feitos em não sei quantos anos de carreira dela. Ela disse: "Gente, não tem como não dizer que esse povo aqui não é Quilombola". Aí foi nesse mapa que a gente apresentou ao Ministério Público Federal. Foi esse mapa que foi apresentado à Defensoria Pública, que foi apresentado à SPU. Um mapa que eles não tinham como dizer "não". O povo sabia nome por nome onde estava um pé qual que você perguntasse e onde é que tem um pé, vamos supor assim, de Jataí, pé vai tal lugar; e onde é que tem esse rio, assim, aí tal lugar. Poxa então, como é que o senhor vai dizer que o cara não conhece essa terra? Como é que o senhor vai dizer que esse cara não vive nessa terra? Eu te digo quantos quilômetros a gente vamos gastar até lá, te digo quantas horas a gente vamos chegar até lá, entendeu? Então, não tem como você dizer.

Isso é maravilhoso. Bio, eu agradeço esta fala com você. Tomara que a gente possa se encontrar de novo na Ilha

Bio: Sou eu que agradeço, toda ajuda é bem-vinda.

Aceito em 20 dez. 2025.

Publicado em 04 mar. 2026.

Referencias

BENEDITO DA PAIXÃO SANTOS. Comunicação pessoal, 21 de agosto de 2025, Boipeba.

MINISTÉRIO DA GESTÃO E DA INOVAÇÃO EM SERVIÇOS PÚBLICOS. Despacho decisório nº 414/2023, 6 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/gestao/pt-br/assuntos/noticias/2023/abril/spu-notifica-empresa-para-suspender-obra-em-boipeba-ba> Acesso em: 21 de outubro de 2025.

MONGABAY BRASIL. Condomínio de luxo ameaça Mata Atlântica e comunidades tradicionais na Ilha de Boipeba, BA, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QAkIMRn0HJo> Acesso em: 27 outubro de 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Reserva da Biosfera, 2025. Disponível em: <https://rbma.org.br/n/a-rbma/quem-somos/> Acesso em: 21 outubro de 2025.

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL. Raimundo Siri. Sessão 3: Povos e comunidades tradicionais: resistências e protagonismos sobre corpos e territórios. Simpósio Especial 05, 8 de agosto de 2025, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

"Hay que matar un león por día": Salve Boipeba

Resumen

El presente trabajo se integra en el marco de los estudios realizados por el Grupo de Investigación en Infraestructuras y Conflictos Socioterritoriales (GIICSO, Argentina). Fue inspirado en el contexto de la XV Reunión de Antropología del MERCOSUR, realizada en la Universidad Federal de la Bahía (UFBA, Salvador), en el mes de agosto de 2025, donde oímos sobre la amenaza que sufren las comunidades tradicionales de la Isla de Boipeba. En busca de profundizar los conocimientos sobre la problemática, el día 21 de agosto de 2025, en la playa de Tassimirim, entrevistamos a Benedito da Paixão Santos, Bio, representante de la Asociación Quilombola. Durante la conversación que compartimos, Bio da cuenta de las posibles implicancias socioterritoriales y ambientales del proyecto turístico inmobiliario "Ponta dos Castelhanos" de la empresa Mangaba Cultivo de Coco Ltda., para el patrimonio material e inmaterial del archipiélago. Además, desde la perspectiva de las organizaciones nucleadas en la Coalición "Salve Boipeba", se afirma la necesidad de desarrollar en la región un turismo de base comunitaria. Sobre ambos ejes versa esta entrevista.

Palavras Clave: Boipeba. Extractivismo turístico. Conflicto socioambiental. Territorio.

¹ julietapeppino2@gmail.com Integra o Grupo de Pesquisa em Infraestruturas e Conflitos Socioterritoriais (Argentina) e o Observatório Social e Ambiental da Soja (UFFS – Chapecó, Brasil). É licenciada em Antropologia e professora. Atualmente, é doutoranda em Ciências Sociais e Humanas pela Universidad Nacional de Quilmes. Atua como bolsista de doutorado em temas estratégicos do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET).